

Comunicação COVID19

Ponto de situação 28 de Maio

Quinta, 28 de Maio de 2020

INFETADOS CONFIRMADOS

31.596 CASOS DE COVID-19

MAIS 304 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,97%



ÓBITOS

1.369 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 13 VÍTIMAS MORTAIS (+0,95%)

NORTE-761

CENTRO-237

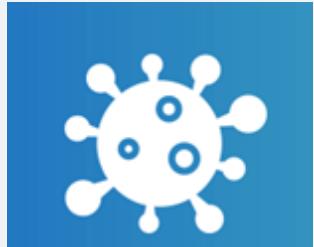
LISBOA E VALE DO TEJO-340

ALENTEJO-1

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0



Subsídio de desemprego sobe em abril para o valor mais alto em 15 anos.

Confiança dos consumidores e clima económico recuperam parcialmente em maio – INE
A epidemia está a atingir as classes sociais mais baixas
Sentimento económico recupera em maio na zona euro após 2 meses de fortes quebras- EU

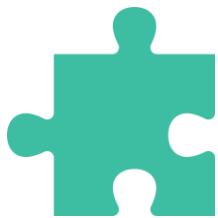
18.637 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.310 AGUARDAM RESULTADOS

318.810 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JANEIRO

512 INTERNADOS (1,62%) / 65 UCI (0,20%)

PSD diz que Governo vai estudar adiamento reabertura da economia na Grande Lisboa



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição) Estado investe 2000 milhões nas linhas, mas comboios não aceleram. Investimento não contempla a diminuição dos tempos de trajetos dos comboios de passageiros, mantendo as mesmas velocidades de há 20 anos e privilegia o transporte de mercadorias.

União Europeia já tem um número para o seu Plano Marshall. 750 mil milhões de euros. Portugal poderá receber 26 mil milhões. Costa diz que a resposta está “à altura do desafio”. TAP revê plano de voos após críticas de Costa e Marcelo. Entrevista. Catarina Martins negoceia baixa de rendas de casa e mais emprego. Covid-19: sem confinamento, teríamos mais 146 mortes. EUA dizem que Hong Kong já não é autónomo da China. Conselho de Ministros adapta teletrabalho e aprova desconfinamento de 1 de junho, Programa de Estabilização Económica e Social não será aprovado pelo Governo antes de 4 de junho. Esta sexta-feira, a prioridade é preparar a próxima fase do desconfinamento. **(Online)** - TAP recua no plano de voos para os próximos meses. Costa diz que UE respondeu “à altura do desafio”. “Cabe agora ao Conselho não frustrar esta esperança”. Do “limitado” ao aplauso: as opiniões dividem-se sobre a ajuda europeia a Portugal. Trump ameaça fechar redes sociais, depois de o Twitter ter assinalado uma publicação sua. Hong Kong já não é autónomo da China, diz Pompeo. Justiça venezuelana tira presidência da Assembleia Nacional a Guaidó. Praia Maria Luísa: Estado condenado a pagar mais de um milhão a famílias das vítimas de derrocada. PSD só deverá ter candidatos autárquicos a partir de janeiro de 2021. Não há provas contra Bruno de Carvalho no ataque a Alcochete. No Hospital de Loures a covid-19 ainda não deu descanso.



(Edição) Bruxelas oferece 15 mil milhões a Portugal a fundo perdido, mas quer cinco novos impostos (poluição, consumo de plástico, grandes multinacionais e gigantes da tecnologia). Grande Lisboa. Fiscalização apertada em cinco bairros sociais com casos de covid.

SpaceX. Primeira viagem privada ao espaço abortada à última hora. A culpa foi das nuvens. Imunologista. "É disparatado pensar que o excesso de higiene agora compromete o sistema imunitário". Professora "Há crianças que ficaram para trás e perderam a única âncora que é a escola". Peter S. Miguel Jr, a lusodescendente vítima de covid-19 na primeira página do NYT. Um Manual de Sobrevivência de um Escritor quando não podemos rumar à Feira do Livro. Sporting. 20 frases que marcaram o julgamento do ataque à Academia. **(Online) Encontrada a vacina novo problema. Como se vacinam 6 mil milhões de pessoas?** Lançamento da SpaceX foi adiado. Próxima tentativa é no sábado. Polícia faz buscas a bolsonaristas em caso de fake news. IRS. Fisco reembolsou menos em dois meses do que no primeiro mês de 2019. TAP compromete-se a "adicionar e ajustar planos de rota". "Temos esperança que a glicoimunologia possa contribuir para neutralizar o novo coronavírus". Glycovid-19 é o nome do projeto de investigação liderado por Paula Videira, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.



Bazuca da Europa dispara 26 mil milhões para Portugal. Cheque superior a 15 mil milhões a fundo perdido. Famílias financiam Governo com atrasos no reembolso do IRS. Conheça a lotação das praias do Oeste, Lisboa e Algarve. Agentes da PSP apanhados ao serviço de traficantes de droga. Investimento no GES - Amorim perde processo contra Novo Banco - Grupo queria 179 milhões. Maria Cavaco Silva recupera de cirurgia. Operada a tumor no cérebro. Quase 11 anos depois. Estado condenado a indemnização milionária. Derrocada em Albufeira provocou cinco mortos. Em África. Paraquedistas portugueses em confrontos. Mais voos. TAP volta atrás e revê planos. Por atitude jocosa. Relação afasta juiz do caso Rui Pinto.



Polícias obrigados a usar colete à prova de bala após casos de violência nas ruas. No último mês foram atacados 18 agentes da PSP em serviço. Há praias que vão ter menos de 30 pessoas. No Algarve, Faro e Monte Gordo podem acolher 12 mil banhistas. TAP recua e vê-se forçada a rever plano de rotas. Football Leaks. Juiz afastado por atitude jocosa com Rui Pinto. Bruxelas. Fundo de salvação pago à custa de novos

impostos. Twitter. Trump ameaça fechar redes ao ser apanhado a mentir. Cirurgia. Maria Cavaco Silva recupera de tumor em casa. Pinto da Costa ganha apoio de Rui Moreira. Calamidade no futebol não profissional motiva intervenção de fundo.



(Edição) Bairros Sociais da periferia de Lisboa fazem disparar alarmes. "Se não controlarmos o surto junto dos mais desfavorecidos, todos seremos prejudicados", Filipe Froes, pneumologista e coordenador do gabinete de crise da Ordem dos Médicos, que diz ser necessário ter capacidade para estancar o problema. Câmara da Mealhada vende escola profissional em negócio-relâmpago ao grupo GPS. TAP. Depois das críticas já admite ajustar plano de rotas. "Ter um restaurante aberto é sinal de mais custos", Daniel Serra, presidente da Associação Nacional de Restaurantes. Comissão europeia promete 26 milhões a Portugal. Há 675 farmácias com processos de penhora e insolvência. Dois agentes da PSP constituídos arguidos por atividades criminosas. Construção. Portugal em contraciclo com empresários e trabalhadores otimistas.



(Edição) Os caminhos para a sustentabilidade. 17 Anos Edição especial. Entrevistas. Colin Mayer. "As empresas têm de desempenhar uma função social e os Estados têm de apoiar mais os negócios". João Pedro Matos Fernandes: O setor que tem de dar o salto maior é o da agricultura. Joana Portugal: Hidrogénio precisa de ser trabalhado ao nível da investigação. Como a sustentabilidade está a mudar a indústria, a agricultura, a mobilidade, as nossas casas e as cidades. De onde virá a energia do futuro? Alterações Climáticas: como chegámos aqui e quais os impactos na nossa vida. **(Online)** Bruxelas reforça fundo da retoma sem esquecer países frugais. Irmãos Martins e Mota-Engil cobrem 22 milhões de prejuízos acumulados na Martifer. UGT admite prolongar o lay-off com cortes salariais menores. Siza Vieira: Empresas devem preparar-se já para responder à retoma. Orçamento do Estado suplementar debatido na generalidade na AR em 19 de junho.



(Online)- PSD quer alargar acesso ao subsídio de desemprego e prolongar lay-off até ao final do ano. Costa regozija-se com “emendar de erro da TAP” sobre rotas do Porto. Lay-off tem de evoluir em junho para deixar de penalizar rendimentos, diz Costa. Governo vai lançar “linha especial” para ajudar tesouraria das micro e pequenas empresas. **TAP quer discutir com agentes económicos a revisão do plano de retoma de voos. Faturação da restauração na reabertura representa 40% de valor pré-pandemia.**



(Online) Avaliação das casas subiu para os 1.111 euros\m² em abril. Ministério das Finanças aprova garantia pessoal do Estado para Madeira refinanciar 300 milhões de dívida. **António Costa:** **Layoff já permitiu preservar mais de 800 mil postos de trabalho”.** Administração da TAP afirma-se disponível para ajustar planos de voos. Passageiros que cheguem aos Açores e testem negativo dispensados de quarentena. Governo vai alargar tarifa social da energia para trabalhadores em layoff.



(Online) Habitação. Casas ficaram mais caras um euro em abril. Algarve. Voos internacionais reiniciam operações. TAP compromete-se a “adicionar e ajustar planos de rota”. Lay-off deve deixar de ser fator de perda de rendimento. O governo deve rever as regras de atribuição do subsídio social de desemprego e do rendimento social de inserção para dar resposta aos grupos de indivíduos que, devido à pandemia, perderam emprego e rendimentos e ficaram também sem resposta da Segurança Social, defende a antiga secretária de Estado da Segurança Social, Cláudia Joaquim. Nelson de Souza assegura que Portugal não vai perder um euro em fundos. Conserveira de Peniche manda para casa 200 trabalhadores depois de caso positivo.



(Online) Alcochete. Bruno de Carvalho absolvido. O que se sabe do plano de recuperação da economia? Sem confinamento, SNS teria entrado em colapso. TAP. Costa

satisfeito com "emendar do erro". Quantas pessoas vão ser permitidas em cada praia? A Agência Portuguesa do Ambiente preparou um conjunto de regras para definir quantas pessoas podem frequentar as praias. Feira do Livro de Lisboa será mesmo em agosto. Marcelo elogia desconfinamento e lembra que não existiu aumento da criminalidade como se esperava. As 5 teorias sobre Bruno de Carvalho que caíram. The Atlantic despediu 68 funcionários por causa da pandemia e Trump celebrou: "Ótimas notícias". Trump ameaça fechar empresas de redes sociais. Dia de muito calor: 14 concelhos em risco elevado.



(Online) Subsídio de desemprego sobe em abril para o valor mais alto em 15 anos. Covid-19. Moratória pública pode vir a incluir crédito ao consumo e empréstimos para segunda habitação. Quem consegue respirar bem depois da horrível morte de George Floyd?

Migrantes resgatados por cargueiro com bandeira portuguesa já desembarcaram na Líbia: lei internacional foi infringida. 300 051 920: o que este número nos diz sobre as novas formas do medo em Portugal. Ricardo Salgado impedido de voltar a ser banqueiro até 2028. "Não sabemos quase nada sobre os vírus que estão a circular em Portugal" – Pedro Esteves, biólogo especializado em imunogenética e doenças infecciosas e coautor de um artigo científico que identifica um novo vírus de origem sul-coreana que anda a matar esquilos-vermelhos em Portugal. Deputados à esquerda e à direita querem 'salvar' as farmácias. Há uma mutação genética demasiado amiga das demências. E também da covid-19, revela estudo. Covid-19. Diretor das doenças infecciosas do Hospital de São João pede "coerência" nas regras, "incluindo aviões". Porque é que nos aviões não é preciso deixar um lugar vazio? O risco de contágio é baixo, dizem epidemiologistas. Portugal na direção do maior telescópio solar europeu. Covid-19. Manifestação nacional dos profissionais da Cultura convocada para 4 de junho. Caso do navio com bandeira de Portugal que resgatou 100 migrantes e os devolveu à Líbia chega à UE pela mão de Paulo Rangel e Isabel Santos.



(Online) Especialistas e políticos voltam a reunir-se esta quinta-feira. À beira da terceira fase de desconfinamento, médicos alertam para necessidade de controlar surto junto dos

mais desfavorecidos. Governo garante pagamento a artistas com espetáculos cancelados ou reagendados devido à pandemia. Conheça as lotações para as praias do Barlavento, Sotavento, Tejo e Oeste nesta época balnear. European Best Destinations enumera praias mais seguras em altura de covid-19. Três são portuguesas (praia da Comporta, no Alentejo, a praia de Porto Santo, na Madeira, e a Meia Praia, em Lagos).



(Online)- Políticos e peritos reunidos. Sem confinamento doentes graves seriam o triplo.

Cientista chinês diz que Covid-19 não teve origem em mercado de animais. Mais de 60 empresas assinam manifesto sobre desenvolvimento sustentável. CEO do Twitter diz ser responsável pela polémica com Trump.

SÁBADO

(Edição) 10 turismos rurais para um verão em segurança.

Investigação às influências políticas. Quem são os socialistas que dominam o Grupo Montepio. Conversa exclusiva e intimista com o Presidente Viajámos no elétrico 24 com Marcelo Rebelo de Sousa. Imunidades, vírus e negócios da China. Ana Gomes. A colecionadora de inimigos. Como os adolescentes vivem a pandemia. (Online) Inspetor da PJ ligado à Ongong entra para o DCIAP. Covid-19: Doentes graves nos cuidados intensivos triplicavam sem confinamento. Saiba qual a lotação máxima em cada praia do país. Ninguém sabe como é que os EUA vão tentar derrotar a Covid-19. Bruno Nogueira dá o primeiro concerto após crise da Covid-19 a 1 de junho. Crianças têm menos 56% de probabilidade de serem infetadas pela Covid-19.

VISÃO

(Edição) Como vai mudar o emprego. As competências mais valorizadas, as novas formas de organização e as profissões com mais futuro. A transformação já começou- e vai ser mais rápida do que se pensava. Funções em risco. Novos líderes. Menos Viagens. Mais criatividade. Menos burocracia. Novas rotinas. Reuniões por videoconferência. Teletrabalho em qualquer lugar. Escritórios diferentes. Ana Gomes. A vida e os combates da indignada militante. Quando a pobreza bate à porta. O exército digital ao serviço de Ventura. A mulher que irrita Trump. Estrela ascendente do Partido Democrata

pela forma como tem gerido a pandemia, Gretchen Whitmer, a governadora do Michigan, é uma forte candidata à vice-presidência dos EUA. Com os pés assentes na terra. Precisamos de consumir mais o que é português, sobretudo porque temos produtos de exceção. Mas onde encontrá-los? O chefe João Rodrigues dá uma ajuda e corre o País à procura. Fada madrinha. 50 anos de vida literária de Luísa Ducla Soares. **(Online)** Do 5G às energias renováveis: as prioridades do plano de relançamento da EU. Covid-19: Como testar 9 milhões de pessoas em dez dias. A batalha de Wuhan para evitar uma segunda onda de infeções. Covid-19: Portugueses ainda têm medo de voltar à normalidade, conclui inquérito.



Casos de COVID-19 no Bairro da Jamaica. Governo vai alterar regime de lay-off simplificado. Especialistas e políticos reúnem-se no Infarmed. Especialistas e políticos reúnem-se no Infarmed em Lisboa, para analisar a situação epidemiologia da Covid-19 em Portugal. Virtudes da ordem para ficar em casa. Depois de mais de dois meses de confinamento, há hoje um barómetro que valida as virtudes da ordem para ficar em casa. Investigadores da Escola Nacional de Saúde Pública chegaram à conclusão que ficar em casa entre 1 e 15 de abril permitiu poupar quase 150 vidas. Gastos da União das Misericórdias em pandemia. A União das Misericórdias está a gastar cerca de dois milhões de euros por mês em equipamentos de proteção para os 29 mil colaboradores. Declarações de Manuel Lemos. Definida lotação das praias. Lei de segurança em Hong Kong. Despedimentos na Easyjet.



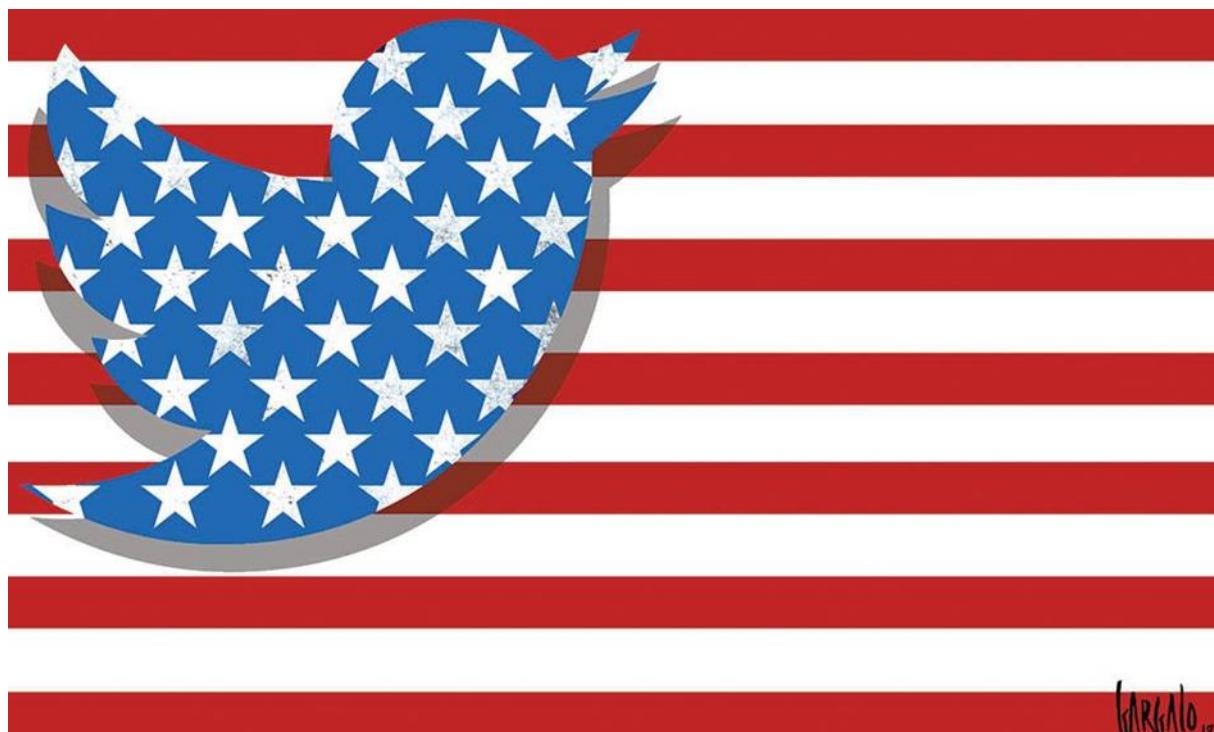
António Costa defende que o lay-off vai ter de evoluir. António Costa agradado com decisão da TAP de ajustar planos para as rotas. Entrevista de Catarina Martins, a coordenadora do Bloco de Esquerda defende que devem usar-se as casas vazias do alojamento local para baixar as rendas e passar a contratos de trabalho, os desempregados que se voluntariaram para ir trabalhar nos lares de terceira idade. Encontro no Infarmed para o ponto de situação da COVID-19. Incêndio destrói restaurante em Gaia. Julgamento do processo do ataque à Academia de Alcochete. Fiscalização ao Estádio do Bonfim. Descontos nos seguros. Os consumidores têm ou não direito a um desconto no seguro automóvel nesta fase

de pandemia? A Renascença sabe que a Autoridade de Supervisão de Seguros está a ultimar regras para facilitar a aplicação da lei que estabelece um regime excepcional e temporário relativo aos contratos de seguro.



Despedimentos na Easyjet. Não está nada fácil a vida da Easyjet.

A companhia aérea anunciou há cerca de 1 hora planos para reduzir o número de postos de trabalho. 30% do pessoal vai ser dispensado, são cerca de 4.500 pessoas. Estudo da Escola Nacional de Saúde Pública. Fez toda a diferença a estratégia de confinamento em Portugal, impediu que as unidades de cuidados intensivos ficassem sobrelotadas. Mário Durval em entrevista – Ordem para encerrar. Os cafés do bairro da Jamaica no Seixal vão ser obrigados a fechar portas por indicação da delegada de saúde daquele município. O objetivo é travar a concentração de pessoas naqueles estabelecimentos, depois da deteção de um foco de COVID-19 no bairro. Novo modelo de lay-off. Dispararam as reclamações nas compras online em Portugal. Ensino à distância: privacidade e proteção de dados. Sentença do processo da invasão à Academia do Sporting.

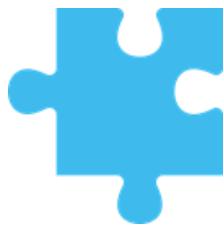


Vasco Gargalo

Gargalo

A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- Vírus já matou 352.494 pessoas e infetou mais de 5,7 milhões no **MUNDO**.
- **EUROPA**: morreram mais 159 mil pessoas em março do que o previsto.
- **ESPAÑHA** regista 39 mortes nas últimas 24 horas. Total de 27.118 óbitos.
- **ITÁLIA** com mais 117 mortos e ultrapassa os 33.000 óbitos. Total 33.072 vítimas mortais.
- **FRANÇA**. Oito dias consecutivos com menos de 100 mortes diárias nos hospitais. Total de 28.596 mortes.
- **ALEMANHA** regista 353 novos casos e 62 mortes. Total de 8411 mortes.
- **REINO UNIDO** regista mais 412 mortes, quase o triplo do dia anterior. Total de 37.460 mortes.
- **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA ultrapassaram as 100 mil mortes e regista também quase 1,7 milhões de pessoas contagiadas. O Número de mortes por covid-19 nos EUA é superior ao conjunto de mortes provocadas pela Guerra da Coreia, Guerra do Vietname e o conflito no Iraque entre 2003 e 2011.**
- **BRASIL** com mais de mil mortos e de 20 mil infetados nas últimas 24 horas. Já morreram 25 598 pessoas por Covid-19.
- **RÚSSIA** ultrapassa os quatro mil mortos (4142). Foram ainda confirmados mais 8371 novos casos, elevando o total para 379.051 casos.
- **CHINA** deteta dois casos nas últimas 24 horas.
- Número de mortos em **ÁFRICA** sobe para 3.696 em mais de 124 mil casos.



FRASES DO DIA

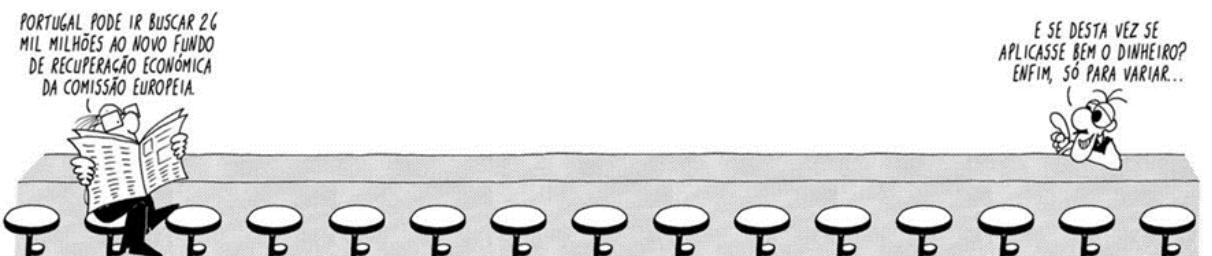
- “A integração deste reforço no QFP assegura a coerência do esforço de recuperação com as prioridades estratégicas da Europa no combate às alterações climáticas, na transição digital e na construção da autonomia estratégica da nossa capacidade produtiva”, António Costa, Primeiro Ministro.
- “Este plano de recuperação tem de ter um reforço das verbas de coesão, tem de ter apoios na área de desenvolvimento rural e apoios reforçados nos mecanismos da transição justa no domínio da ação climática que são também motivo de preocupação”, Nelson de Souza, Ministro do Planeamento.
- “A situação atual reclama uma intervenção muito musculada, muito forte, por parte do Estado, de outro modo o desastre social surgirá muito rapidamente”, José Silva Peneda, ex-presidente do CES.
- “É importante que as empresas façam agora os seus planos de investimento e se preparem para responder às necessidades de um mercado que vai conhecer um movimento de crescimento do investimento público inédito nos últimos anos, que vai gerar um investimento privado também muito significativo, e em que as empresas

vão precisar de sistemas tecnológicos e digitais e de bens de equipamento", Pedro Siza Vieira, Ministro da Economia.

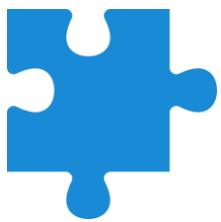
- "Ele é um projeto de genocida. Temos um Governo controlado por um perverso. É importante que o mundo compreenda isto, porque Bolsonaro não é um problema só do Brasil. Bolsonaro é um problema do planeta. Por duas razões: primeiro, porque levou a destruição da Amazónia a um patamar inédito, acelerou o desmatamento a um ponto de quase não-retorno. Sem a Amazónia não se controla o aquecimento global, portanto, mesmo não tendo poder atómico, como Trump ou Putin, Bolsonaro tem um grande poder. A este problema acrescenta-se outro, o de ele ser um negacionista, o de boicotar todas as ações de combate à covid-19.", Eliane Brum, jornalista e ativista brasileira.
- "As duas anteriores fases de desconfinamento parece que correram de facto bem. Obviamente há sempre imprevisibilidade no decorrer do surto", António Lacerda Sales, Secretário de Estado da Saúde.
- "Um plano europeu que é como uma "garrafa de vinho cara. Sabemos que seria um enorme prazer, que seria algo sensacional, poder comprá-la para a poder saborear. Mas também sabemos que, muitas vezes, aquela garrafa cara só foi colocada ali para fazer com que as garrafas um pouco mais baratas pareçam, em comparação, ter um preço mais razoável"

Equipa de economistas do banco ING.¹

- “**Há empresas que foram à teta do Estado acudiram ao layoff de forma indevida**”, continuando “**em pleno financiamento**”, Carlos Silva, Secretário-Geral da UGT.
- “**Os concursos públicos de arquitetura parecem adjudicações de batatas**”, Gonçalo Byrne, Arquiteto.
- “**Quando ouço que os contratos são intocáveis e por isso não havia volta a dar senão meter mais umas centenas de milhões no Novo Banco lembro-me das pensões, reformas, salários, direitos laborais, etc. Então não eram contratos? Eram e foram violados sem hesitação**”, José Pacheco Pereira, Comentador.
- “**Reconheceu-se o que há especial atenção e preocupação quando à região de Lisboa e Vale do Tejo, não apenas por causa do R que está em 1,01, mas porque é patente a existência quanto ao número de infetados, de focos, uma parte deles já detetada e com acompanhamento das cadeias de transmissão mas que merece a tal atenção e preocupação**”, afirmou acrescentando que os especialistas apontam esses surtos a “**condições socioeconómicas**”, Marcelo Rebelo de Sousa, PR



Luís Afonso- Público



ARTIGOS SELECIONADOS

GOVERNO DESCONFINA ESTA SEXTA-FEIRA O TELETRABALHO. TURNOS SERÃO

O NOVO NORMAL

Os números do surto em Lisboa não assustam o Governo, pelo que o Conselho de Ministros vai avançar com a prevista terceira fase do desconfinamento a partir de 1 de junho. As regras que faltam serão aprovadas em Conselho de Ministros esta sexta-feira, depois de hoje António Costa, Marcelo e os partidos voltarem a ouvir a DGS e especialistas, para confirmarem a luz verde para avançar.

O teletrabalho deixará, assim, de ser obrigatório no país a partir do início da próxima semana, confirmou o Expresso. Mas com excepções. E uma recomendação oficial.

O decreto onde ficará oficializado o fim do teletrabalho obrigatório, que durou desde o grande confinamento decretado a meio de março, dirá que a regra geral voltará a ser a determinada pelos termos da lei do trabalho: o teletrabalho será ainda possível, mas apenas com o acordo obrigatório entre empresa e trabalhador, confirmou o Expresso. Mas haverá duas excepções à regra: a primeira a dos pais que tenham de ficar em casa a dar apoio aos filhos (para já, só creches, 11º e 12º anos voltaram às aulas, sendo que os ATL devem voltar a meio de junho e todos os outros graus de escolaridade só regressam a aulas presenciais em setembro, se tudo correr bem). E também excepção para trabalhadores de risco,

onde a ideia do Governo é manter os "incentivos" a que permaneçam em casa. Os termos destas excepções estão ainda a ser afinados no Governo, mas ficará certo de que em casos desta natureza a entidade patronal não se poderá opor.

Mesmo assim, deixando de ser obrigatório, o Governo pretende deixar uma recomendação por escrito - que António Costa tem deixado também nos discursos: as empresas serão aconselhadas a desenhar horários por turnos, sejam semanais ou noutra forma, desde logo nos meses de junho e julho. O objetivo é claro: treinar antes das férias metodologias que possam ser necessárias no inverno, se aparecer um novo surto.

"Agora que já aprendemos, testar outras modalidades. Se tivermos novo surto temos que evitar ter um grau de confinamento tão elevado", disse ao Expresso um responsável do Executivo.

Quando anunciou a segunda fase de desconfinamento, há duas semanas, o primeiro-ministro já tinha apontado para este caminho. "No dia 1 de junho, tal como previsto, iremos começar a desconfinar parcialmente as pessoas que têm estado em teletrabalho obrigatório. O que não significa que seja obrigatório deixar de estar em teletrabalho. Pelo contrário, para quem se quiser manter assim e que possa ser feito. Mas gostaríamos que houvesse um desconfinamento parcial", disse Costa, em conferência de imprensa, acrescentando que devem ser treinadas metodologias de trabalho "que porventura teremos de adotar ao longo do próximo ano para continuar a conviver com este vírus indesejável até termos uma vacina", sublinhou.

No Conselho de Ministros desta sexta-feira ficarão claros, também, os processos de desconfinamento que faltam cumprir, relativos à reabertura de centros comerciais, lojas de cidadão, cerimónias religiosas, jardins-de-infância, creches, pré-escolar e ATLs, bem como cinemas, teatros, salas de espetáculo e auditórios – sendo que estas foram finalmente detalhadas pela ministra da Cultura na terça-feira.

Fonte: **Expresso**

ANTÓNIO COSTA: LAYOFF JÁ PERMITIU PRESERVAR MAIS DE 800 MIL POSTOS DE TRABALHO”

Nos últimos dois meses agimos em Estado de Emergência para responder quer à crise pandémica, quer também aos profundos efeitos económicos e sociais que esta crise tem trazido à vida das famílias e das empresas. Ao longo destes dois meses fomos adotando medidas para procurar na medida do possível proteger empresas, empregos e rendimento, sendo que no conjunto destes dois meses foram diretamente apoiados 1,1 milhões de portugueses de forma a permitir a sustentação dos seus rendimentos.

Agora importa permitir a estabilização da situação económica e social do país. Nesse sentido, estamos a trabalhar para aprovar na próxima semana um programa de estabilização económica e social que procure atuar em quatro dimensões: institucional, respondendo às necessidades de financiamento quer das regiões autónomas, quer das autarquias locais criando condições para que entre em pleno funcionamento um verdadeiro Banco de Fomento, de forma a

agilizar os processos de licenciamento de investimentos privados através de um Simplex SOS.

A segunda dimensão tem haver com as empresas assegurando não só liquidez para o seu funcionamento, mas também o reforço dos seus capitais próprios através da criação de mecanismos de capitalização que lhes permitam sobreviver e para se prepararem para o momento da saída da crise.

Uma terceira dimensão que tem haver com o emprego que foi dos grandes resultados dos últimos cinco anos de política económica e tem sido das maiores vítimas desta crise. É por isso essencial termos não apenas mecanismos eficazes de apoio à contratação, como manter ao longo dos próximos meses medidas de proteção dos postos de trabalho.

O lay-off já permitiu até ao momento preservar mais de 800 mil postos de trabalho. É uma medida que tem de evoluir a partir do final de junho, designadamente de forma a que não seja um incentivo negativo para que as empresas façam o esforço que devem fazer para procurar retomar a sua atividade e sobretudo para não ser um investimento penalizador do rendimento dos trabalhadores.

Temos uma quarta dimensão que tem haver com a dimensão social. Por um lado, temos de robustecer o SNS que como se verificou foi decisivo para enfrentarmos com sucesso esta crise e temos de o ter robustecido. Seja por um lado, para prevenir eventuais novos picos desta pandemia que no outono ou inverno possam surgir, quer também para capacitar o SNS, para recuperar o trabalho que foi adiado ao longo destes dois meses. Temos de recuperar o défice de acompanhamento da saúde dos portugueses. Temos também a proteção dos

rendimentos e o desenvolvimento de uma estratégia nacional de combate à pobreza.

Este programa que queremos aprovar na próxima semana tem uma dimensão de medidas de natureza política, legislativa e também consequências financeiras. Será por isso o programa que enquadrará aquilo que será o orçamento suplementar que iremos apresentar na Assembleia da República na primeira quinzena de junho.

Queremos assim, que encerrada esta fase de emergência poder estabilizar o quadro económico social até ao final do ano, dando assim espaço para a preservação das empresas, dos empregos e do rendimento das famílias de modo a podermos aproveitar as melhores condições para num momento próprio haver um relançamento da economia e uma recuperação da situação económica do país.

A apresentação pela Comissão Europeia de um programa de recuperação económica foi um passo muito significativo para que a Europa esteja à altura das suas responsabilidades e assuma definitivamente que só em conjunto e de modo solidário podemos enfrentar, vencer e superar esta crise.

Fonte: Jornal Económico

AS PRIORIDADES DO RELANÇAMENTO

A Comissão Europeia quer utilizar o plano de recuperação para acelerar as suas prioridades para a economia do Velho Continente e também para o reforço do investimento na Saúde. "Precisamos de acelerar para um future verde, digital e

resiliente”, disse von der Leyen. A bazuca europeia deverá assim ter de ser utilizada em medidas que sigam nessa direção.

O dinheiro do novo fundo de recuperação terá de ser investido no Pacto Ecológico Europeu e tem as seguintes prioridades:

- Renovação maciça de edifícios e infraestruturas e uma economia mais circular.
- Projetos de energia renovável, em especial eólica e solar. Lançamento do hidrogénio verde na Europa.
- Transportes mais limpos, com a instalação de um milhão de pontos de carregamento elétrico para veículos e uma maior importância da ferrovia.
- Fortalecimento do Fundo para uma Transição Justa para apoiar a reconversão de negócios e criar oportunidades económicas.
- Além da economia verde, o plano de von der Leyen passa também por uma Europa mais digital e num mercado único mais forte:
 - O fundo de relançamento irá apoiar o investimento numa melhor e maior conectividade, especialmente na implementação rápida do 5G.
 - Presença tecnológica e industrial mais forte em setores estratégicos (inteligência artificial, cibersegurança e supercomputação)
 - Criação de uma real economia de dados como motor de inovação e criação de emprego.

Bruxelas definiu ainda as políticas a seguir para se conseguir uma economia mais justa, com programas de competências e educação digital para todos os

cidadãos, salários mínimos justos e mais medidas para combater a evasão fiscal de forma a ajudar os Estados-membros a gerarem mais receitas.

Fonte: **EXAME**

COVID-19: PAÍSES TÊM DE APRESENTAR PLANOS DE RECUPERAÇÃO PARA ACEDER A MECANISMO DA UE

A Comissão Europeia explicou hoje que, para acederem ao novo Mecanismo de Recuperação e Resiliência, de 560 mil milhões de euros, os Estados-membros têm de apresentar projetos, sendo as verbas alocadas às “maiores necessidades” e aos países mais afetados.

“A profundidade da crise e a rapidez da recuperação dependerão da forma como a pandemia evoluir e de quanto bem e rapidamente poderemos reiniciar com segurança a atividade económica e é por isso que hoje apresentamos o Mecanismo de Recuperação e Resiliência, a maior ferramenta do nosso Fundo de Recuperação, com um poder de fogo de 560 mil milhões de euros”, afirmou o vice-presidente executivo da Comissão Europeia Valdis Dombrovskis.

O responsável falava em conferência de imprensa, em Bruxelas, um dia depois de a Comissão Europeia ter anunciado a criação de um Fundo de Recuperação de 750 mil milhões de euros para a Europa superar a crise provocada pela pandemia de covid-19, do qual se prevê que Portugal beneficie de um total de 26,3 mil milhões de euros.

Do valor global do Fundo de Recuperação, 500 mil milhões de euros serão canalizados para os Estados-membros através de subsídios a fundo perdido e os restantes 250 mil milhões na forma de empréstimos.

Com o novo Mecanismo de Recuperação e Resiliência a representar a maior fatia desse fundo, o total da verba alocada a esta ferramenta divide-se em 310 mil milhões de euros em subvenções a fundo perdido e 250 mil milhões de euros em empréstimos em condições favoráveis, precisou Valdis Dombrovskis.

"Este apoio estará disponível para todos os Estados-membros, mas iremo-nos concentrar nos países mais afetados e onde as necessidades são maiores", frisou o responsável, indicando que o objetivo é "evitar que as disparidades existentes entre países, regiões ou pessoas se agravem ainda mais".

Este será, então, um mecanismo de caráter voluntário e ligado ao Semestre Europeu, ao qual os países da União Europeia (UE) apenas podem aceder após criarem e apresentarem "planos de recuperação e de resiliência", que serão depois avaliados por Bruxelas, indicou Valdis Dombrovskis.

É também o executivo comunitário que decide a verba alocada a cada país no âmbito deste mecanismo, dotações essas que têm em conta "a prosperidade relativa e a taxa média de desemprego", precisou o responsável letão.

E uma vez que o Mecanismo de Recuperação e Resiliência está ligado ao ciclo de coordenação das políticas orçamentais na UE, os países terão de justificar à Comissão "de que forma [os seus projetos apresentados] contribuem para alcançar as prioridades identificadas no Semestre Europeu".

Segundo Valdis Dombrovskis, "isto garantirá que as despesas são bem orientadas e utilizadas e significa também que as prioridades a nível da UE se traduzem em resultados no terreno, em cada país".

Os planos nacionais para beneficiar do mecanismo têm de ser apresentados a Bruxelas "todos os anos em abril com os seus Planos Nacionais de Reforma, ou mais cedo em outubro do ano anterior com os seus projetos de orçamento", adiantou o vice-presidente do executivo comunitário.

Também presente na ocasião, o comissário europeu da Economia, Paolo Gentiloni, vincou que "este mecanismo não representa ingerência de Bruxelas" nas reformas dos países.

"Isto não é um programa de ajustamento com um nome diferente", assegurou.

Paolo Gentiloni informou ainda que os pagamentos aos países no âmbito deste mecanismo serão realizados em tranches.

O Fundo de Recuperação da UE, designado como Next Generation EU, traduz-se num instrumento de emergência criado após a crise gerada pela pandemia, através do qual Bruxelas recorre aos mercados para aumentar o seu poder financeiro para depois canalizar fundos para os países através de subsídios ou empréstimos.

Fonte: **Agência Lusa**

ESPERANÇA DE VIDA À NASCENÇA DOS PORTUGUESES SUBIU PARA QUASE 81 ANOS

A esperança de vida à nascença em Portugal foi estimada em quase 81 anos (80,93), sendo 77,95 anos para os homens e 83,51 anos para as mulheres no período 2017-2019, indicam hoje dados do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Segundo o INE, estes valores representam, relativamente a 2016-2018, um aumento de cerca de dois meses de esperança de vida para os homens e de um mês para as mulheres, refletindo uma subida dos ganhos de longevidade relativamente a 2016-2018 (0,48 meses para homens e 0,24 para mulheres).

No espaço de uma década – e ainda de acordo com as tábuas de mortalidade para Portugal por sexo e para o total da população residente – verificou-se um aumento de 1,99 anos de vida para o total da população, ou seja, 2,11 anos para os homens e 1,64 anos para as mulheres.

Contudo, enquanto nas mulheres esse aumento resultou sobretudo da redução na mortalidade em idades iguais ou superiores a 60 anos, nos homens esse acréscimo foi maioritariamente proveniente da redução da mortalidade em idades inferiores a 60 anos.

Simultaneamente, e de acordo com os dados hoje divulgados, a esperança de vida aos 65 anos atingiu 19,61 anos para o total da população.

Assim, aos 65 anos os homens podem esperar viver mais 17,70 anos e as mulheres mais 21 anos, o que representa ganhos de 1,22 anos (homens) e de 1,26 anos (mulheres) nos últimos 10 anos.

Os dados INE confirmam que as mulheres continuam a viver mais anos do que os homens. Contudo, a expectativa de vida de homens e de mulheres tem vindo a aproximar-se, com os maiores ganhos a registarem-se na população masculina. "Nos últimos 10 anos, a diferença na esperança de vida à nascença de homens e mulheres diminuiu de 6,03 para 5,56 anos", diz o INE.

Paralelamente, para o período 2017–2019 estima-se que 37,6% dos nados-vivos do sexo masculino e 58,6% dos nados-vivos do sexo feminino sobrevivam à idade de 85 anos se sujeitos ao longo das suas vidas às condições de mortalidade específicas por idade observadas neste período.

"Para o período 2007–2009, estes valores eram, respetivamente, 29,9% e 50,6%, para homens e mulheres", indica o INE.

Por outro lado, no período 2017–2019, a maioria dos óbitos (65,8%) ocorreu em idades iguais ou superiores a 80 anos, tendo sido neste grupo etário que se concentraram aproximadamente metade dos óbitos masculinos (55,7%) e três quartos dos óbitos femininos (75,4%).

A idade mais frequente ao óbito para homens foi 86 anos e para as mulheres 88 anos, quando há 10 anos era 85 anos para os homens e 87 anos para as mulheres.

Fonte: **Agência Lusa**



OPINIÃO

COLIN MAYER: O CAPITALISMO “VAI CERTAMENTE MUDAR”

Colin Mayer, coordenador do “Future of the Corporation” da British Academy e professor da Saïd Business School, da Universidade de Oxford, deixa um aviso claro: ou a Europa mostra agora, na prática, para o que serve, ou corre o risco de se fragmentar. Para o pós-pandemia, antecipa um capitalismo diferente, em que os Estados e as empresas formam mais parcerias.

Acredita que a União Europeia vai encontrar uma forma de evitar mais fragmentação – seja dentro de cada país, seja entre Estados-membros – e que vai usar a crise para crescer mais sustentadamente?

Sim. Essa é precisamente a questão que a UE enfrenta. São questões fundamentalmente políticas e sociais sobre em que medida é possível promover crescimento inclusivo dentro da Europa, e reconhecer as divergências consideráveis entre regiões. Mas a UE enfrenta uma crise existencial e, se não resolver este problema, o seu propósito será muito pouco claro e a razão para a tentar manter vai começar a evaporar-se. Há o risco real de fragmentação ou de rutura, a menos que consiga mostrar o seu verdadeiro benefício na crise atual. Temos visto nos últimos dias entre França e a Alemanha um movimento lento para abordar este problema e trazer uma resposta mais clara e ambiciosa. Se outros países se vão juntar à proposta temos de esperar para ver.

Os países terão de gastar muito dinheiro para sair da crise. Como é que isso se paga sem comprometer o tecido político e económico?

Pode ser feito de uma forma muito simples: as empresas estão a ser resgatadas essencialmente com empréstimos. O problema desta estratégia é que vai deixar muitas empresas falidas. A forma de resolver a questão é converter essa dívida massiva em capital – há veículos para isso. Através dos lucros no capital. É uma forma muito poderosa de os governos serem pagos. Mas não queremos simplesmente passar uma parte muito significativa do setor privado para a posse do Estado. Para evitar esse problema, entre o Estado e a empresa temos de colocar intermediários privados, que gerem os fundos. Não queremos os governos a gerir estes fundos diretamente, mas queremos alguma coisa como veículos de capitais privados ou de dívida. Dessa forma promovemos o desenvolvimento do mercado de capitais privados como forma de reestruturação da dívida em capital.

Esta crise vai trazer uma forma de capitalismo diferente?

Vai certamente mudar. E temos claramente um caso em que pudemos constatar a importância dos Estados nos últimos meses. Mas não vai mudar só porque os Estados vão ficar com mais poder, vai mudar porque vamos reconhecer um papel diferente tanto para o Estado, como para o setor privado. E vamos reconhecer que a distinção anterior muito clara entre os dois não é, genericamente, muito apropriada. As empresas têm de desempenhar uma função mais social em termos ambientais para resolver os problemas, e ao mesmo tempo o Governo tem de reconhecer a necessidade de apoiar os negócios. Uma das grandes mudanças será a importância de termos parcerias verdadeiras e eficazes entre o setor

público e o privado e que há formas de o fazer de modo muito mais eficiente no futuro.

MAIS ESPAÇO PÚBLICO S.F.F.: AS CIDADES PÓS-COVID-19

O cenário quase distópico criado pela pandemia da covid-19 devolveu três coisas às grandes cidades: ar, luz, espaço. “É quase uma coisa poética, o mal criou um bem”, diz Jorge Figueira, professor de História e Teoria de Arquitetura na Universidade de Coimbra e crítico de arquitetura no PÚBLICO.

“A pandemia resultou da desterritorialização, é a manifestação extrema da doença tecnocapitalista que há mais de dois séculos se infiltrou nas sociedades humanas, (...) é o capitalismo global que transforma a Terra inteira, submetendo-a, como um contágio epidémico, ao seu funcionamento”, escreveu em abril o filósofo José Gil no PÚBLICO.

As megacidades densas e poluídas foram as primeiras vítimas do SARS-CoV-2. “Os arquitetos amam as cidades, a densidade”, diz Figueira. É esse modelo de cidade moderna e neoliberal que funcionou até hoje. A cidade “é a mais importante, mais variada e promissora criação cultural da civilização”, escreve o historiador de arte italiano Salvatore Settis num ensaio para *La città per l’Uomo ai Tempi del covid-19* (ed. La Nave di Teseo). Mas “cidades vazias têm algo de desumano”, diz também Settis à revista Left.

As cidades são como a democracia, ainda não foi inventado um sistema melhor. Mas o instrumento precisa de afinação.

Direito à cidade

Pouco antes do maio de 1968, o filósofo francês Henri Lefebvre descreveu a cidade como espaço de comunhão e diversidade e defendeu o “direito à cidade”. Hoje o que significa isso? É na cidade que nos encontramos com o outro, mas a cidade exige agora uma nova coreografia de distanciamento social e passámos a dar um valor inestimável aos passeios largos, às praças amplas, aos jardins ao pé de casa. Em Portugal, “o direito à cidade” foi usado, sobretudo na segunda década deste século, como slogan para contestar a torrente do turismo e de investimento imobiliário que tomou conta dos centros históricos e levou à deslocação forçada de muitas famílias para a periferia. Por outro lado, numa versão otimista, os habitantes ficaram com o centro de cara lavada e houve investimento dos governos locais na conquista de espaço público — o mesmo onde agora nos aventuramos com medo e desconfiança por causa da covid-19.

O mal não chegou como total surpresa. A atividade humana já estava em guerra aberta com o planeta e os atentados aos ecossistemas que o sustentam eram diários. Ainda que de forma insidiosa, a pandemia dá-nos uma lição de humildade Sandra Marques Pereira, especialista em sociologia urbana, alerta que “nem todos querem viver na cidade, uma ideia que se tornou hegemónica sobretudo do ponto de vista mediático”. Desde os anos 1960, explica, “a maioria dos que vieram para a cidade estabeleceu-se diretamente na periferia. Por razões de trade-off de acesso à propriedade, uma vez que centro é sobretudo arrendamento, mas também por fatores relacionais, de redes sociais, de segurança ontológica”.

A investigadora do DINÂMIA'cet-ISCTE, Centro de Estudos sobre a Mudança Socioeconómica e o Território, lembra que “a reabilitação urbana faz-se com uma pequena minoria que já tem um modelo sociocultural e educativo diferente do dos pais”. O que aconteceu ao mercado imobiliário nacional, justifica, “é que entrou, muito de repente, no mercado global e nos circuitos turísticos massificados, levando a uma décalage entre os preços e os rendimentos dos autóctones, que não subiram”. Ninguém mediou “o efeito perverso” da cavalgada que até março parecia imparável.

Por isso, fazem-se perguntas como estas: o que fazer dos centros urbanos passado o primeiro impacto da pandemia? Fecham-se ruas ao trânsito? Substituem-se os parques de estacionamento por praças? Democratiza-se a ciclovia a toda a área metropolitana? Retornamos ao campo para corrigir os erros do passado? Os especialistas entrevistados coincidem na ideia de que a construção de uma nova “economia” global está nas mãos do coletivo. A sociedade civil tem de ser mais exigente na definição da causa pública. E ao Estado cabe o papel de “nutrir um tecido social rico e participativo – nesse sentido, as cidades precisam de falta de eficiência”, resume o arquiteto André Tavares.

Oportunidade para “falhar melhor”

A consciência coletiva deste susto “lança um medo permanente e é, do ponto de vista político, um ativo para reforçar a agenda no combate às alterações climáticas e à nossa pegada carbónica”, diz José Carlos Mota. O professor e investigador de Ciências Sociais, Políticas e de Território na Universidade de Aveiro

apela à ação da sociedade civil e dá como exemplo as mais de 140 iniciativas solidárias registadas no projeto Mapear Futuros Coletivos (colaboração com Achata a Curva), criado em resposta à covid-19. Mota fala ainda do que viu acontecer no processo da revisão do Plano Diretor Municipal de Maia, que acompanhou de perto: mais de 1500 pessoas intervieram na discussão e tomada de decisões sobre acessibilidades, mobilidade e fragmentação urbana.

A pandemia “trouxe a coletivização de um problema e, nesta sincronização, pode estar a oportunidade para pensar e agir de maneira diferente”, diz Tavares.

O tempo de confinamento mostrou bolsas de humanidade e empreendedorismo em redes sociais de bairro, na ajuda aos mais idosos, na economia de proximidade, no teletrabalho que desafogou autoestradas e cidades. O futuro pode ser assim? “Já sabíamos que seria possível. As dinâmicas nunca tiveram foi tal empurrão”, acredita o professor Mota. “É uma nova maneira de usar a cidade.

O retrato de um país a mudar. Resta saber como vai continuar.”

O arquiteto José Mateus, presidente da Trienal de Arquitetura de Lisboa, vai no mesmo sentido: “O redesenho mais urgente é o dos hábitos, dos comportamentos, da organização do trabalho. A arquitetura e o planeamento urbano refletem e desenham-se a partir dessa vida, que terá de ser, como já o está a ser, necessariamente diferente.”

Na Galeria de Arquitetura NOTE também se pensa no monotema pandemia. Reflexões: Arquitetura e Cidade em tempos de pandemia são entrevistas coordenadas por Bárbara Silva, a diretora. A primeira disponível no site é com Nuno Grande. O arquiteto deixa dois possíveis modelos de futuro: um que defende a

“apologia do comuns” para corrigir os “defeitos” da cidade pós-moderna — “é o cohousing”; outro, ‘orwelliano’, da cidade segregada e onde nos vamos fechar em casulos protecionistas.

A mobilidade na agenda

Num manifesto em dez pontos, o URBinLAB, da Faculdade de Arquitetura de Lisboa, que reúne 12 investigadores, contribui para a reflexão. O texto defende, entre outras ideias, o aumento das áreas públicas e dos espaços de circulação pedonal; a revitalização do comércio de proximidade com reforço da produção agroalimentar, utilizando espaços vazios; soluções arquitetónicas que privilegiam a varanda; a ampliação da rede de ciclovias para toda a área metropolitana, e a democratização do acesso a redes wifi em jardins e parques.

Pensar a área metropolitana — e não só o centro — é o grande desafio destes tempos pandémicos, sugere João Rafael Santos, coordenador do URBinLAB. Exemplifica com dois casos, um positivo e já em andamento, outro como hipótese de futuro. O primeiro é o projeto intermunicipal de Setúbal, Palmela e Sesimbra, cidades “articuladas para construir uma rede de ciclovias” que recuperou espaço a “estradas nacionais ou municipais, algumas com ligação às interfaces dos transportes coletivos”. Já sobre o corredor da Estrada de Benfica, “que se estende para a Amadora e tem áreas habitacionais muito densas e com problemas de acessibilidade” — é quase impossível transitar de bicicleta se se quiser chegar ao centro — diz ser agora “a altura para lançar bases para o longo prazo”.

De Bogotá a Bolonha chegam exemplos de vias aproveitadas para uso de bicicleta, trotinete, patins, skate... tudo o que estanke a hemorragia poluidora do fluxo automóvel. "As cidades cresceram para responder a carências de habitação. Pressionadas pelo turismo, deslocaram ainda mais pessoas para a periferia. Há dificuldade em resolver estes movimentos pendulares que obrigam ao uso do carro", diz André Camelo, arquiteto do atelier CREA, do Porto.

Em Portugal pedala-se pouco. Uma das metas para 2030 da Estratégia Nacional para a Mobilidade Activa é equilibrar a balança com as médias europeias: 0,5% dos portugueses usam a bicicleta nas suas deslocações diárias contra 7,5% na Europa.

Já em período de desconfinamento, a Câmara Municipal de Lisboa ativou um grupo de trabalho para dar soluções rápidas que devolvam espaço aos cidadãos – pode passar pelo aumento das zonas de esplanada, mais ciclovias e pedestralização de ruas.

"Repensar o espaço público, a cidade densa como esperança e solução sustentável para o ambiente e para a humanidade está no centro do grande paradoxo atual", enfatiza José Mateus.

Viver juntos, na cidade ou no campo

Alessandro Melis é o comissário do Pavilhão de Itália na Bienal de Arquitetura de Veneza. Enquanto fala com o Ípsilon chega a notícia de que a Bienal foi adiada para 2021. "É uma oportunidade para usarmos este tempo e arranjar novas formas de 'vivermos juntos'", que seria o tema da edição deste ano com curadoria do

arquiteto libanês Hashim Sarkis. "Não me parece que o futuro venha a ser determinado por uma só tendência. Será 'todos ligados online, ou todos a manter o distanciamento social, ou ainda todos a regressar a alguma normalidade'. O que nos espera é uma miríade de possibilidades. Quanto menos menosprezarmos qualquer uma delas, mais resilientes ficamos".

Itália foi o primeiro país europeu a ser fortemente atingido pelo novo coronavírus e Melis culpa o paradigma da evolução urbana "em que as partes naturais e artificiais são tidas como componentes equivalentes, umas vezes em harmonia e outras em conflito. Pelo contrário, aprendemos com a biologia da evolução que a cidade, como qualquer outro produto da criatividade humana, tem de ser integrada como um subsistema da natureza".

Para este italiano, investigador no departamento de Cidades Sustentáveis da Universidade de Portsmouth, na Grã-Bretanha, o futuro tem de ser "a cidade que preserve o metabolismo circular: que inclua as energias renováveis no seu abastecimento energético, a produção de alimentos, o fornecimento de água. A forma como a cidade se alimenta, por exemplo, é crucial. Tendemos a esquecer que cada pessoa a viver num apartamento é alimentada por aquilo que lhe chega de uns 0,2 hectares localizados em qualquer parte do globo. Essa distância tem um preço ecológico brutal".

João Rafael Santos, do URBinLAB, acrescenta que estes tempos podem ser reveladores no aproveitamento de baldios, "mantidos como reserva ecológica, mas expostos a interesses privados", para áreas de produção agrícola e florestal. E recorda que um dos cenários propostos na exposição Agricultura e Arquitetura:

Do Lado do Campo, co-produzida pelo CCB/Garagem Sul e pela Trienal de Arquitetura de Lisboa era, precisamente, “uma maior hibridez entre tecido urbano e rural”.

Quando, em Fevereiro, Rem Koolhaas inaugurou a exposição *Countryside: The Future*, levou um trator e um canteiro de tomates-cereja da variedade Briosso para o Museu Guggenheim, em Nova Iorque, o estado mais afectado nos Estados Unidos pela covid-19. O arquiteto holandês que fez a Casa da Música, no Porto, e o arranha-céus que é sede da televisão estatal chinesa, em Pequim, forrou os seis níveis do museu com a história da vida no campo, desde Roma à crise ambiental actual. Diz Koolhaas no texto de apresentação da exposição: “Nas últimas décadas tenho vindo a reparar que enquanto grande parte da nossa energia e inteligência está focada no mundo urbano – influenciado pelo aquecimento global, o mercado, as tecnológicas americanas, as iniciativas africanas e europeias, a política chinesa, entre outros poderes –, o campo tem mudado incomensuravelmente. A história dessa transformação ainda não foi contada”. É simbólico que agora o faça na densa Manhattan, sobre a qual escreveu Nova Iorque Delirante, espécie de manifesto em defesa da cidade moderna. Nisto, já os tomateiros florescem sob as luzes artificiais e são podados todas as semanas – o fruto doado ao banco alimentar City Harvest.

A “cidade dos 15 minutos”

Uma grossa fatia da população mundial vive em áreas urbanas. São 55% e as projeções do último relatório da ONU é de que se chegue aos 68% em 2050.

"Esbarramos hoje nos efeitos negativos daquilo que amamos. O grande desafio é como passamos da paixão pela alta densidade para pensar a baixa", diz Figueira. A covid-19 pede um ato de contrição do crescimento desenfreado que desequilibrou "ecossistemas intactos há centenas de anos", defende Melis. "A pandemia é sintoma de uma crise ambiental global. Temos provas de que a poluição do ar é um veículo terrível na propagação do vírus. A tropicalização e desertificação do clima, o efeito das chamadas 'ilhas de calor urbano', geradas pelo desaparecimento de zonas verdes a favor do aumento do betão e do asfalto já trouxeram lições sobre propagação de doenças que antes não existiam". Uma cidade mais resiliente conquista-se com flexibilidade. Num primeiro momento, criar infraestruturas para atender a cuidados de saúde e prevenção da doença: "É na falta delas, mais do que na agressividade dos vírus, que se vêm as consequências mais devastadoras". A longo

Transformar a cidade pela forma como a usamos, defende José Carlos Mota. "Veja-se Paris, que está a pôr em ação a 'cidade dos 15 minutos'. Este é o momento para redescobrir a cidade da proximidade".

O franco-colombiano Carlos Moreno, diretor científico do departamento Território e Inovação da Sorbonne e precursor de estudos em smart cities – hoje chama-lhes living cities – é o mentor da "cidade dos 15 minutos". Explica ao Ípsilon que assenta em três pilares: "crono-urbanismo, cronotopia e topofilia", numa inspiração que vem do grego chronos e kairos.

Descodificando: o crono-urbanismo para "abreviar o tempo dilapidado em deslocações"; a crono-topia para "criar edifícios multifuncionais, uma escola que

abra ao fim-de-semana para outras atividades; uma loja que seja usada para eventos culturais"); a topofilia para prolongar a experiência do confinamento, com "vizinhos a descobrirem-se de varanda para varanda, preocupação em cuidar do próximo, compras no comércio local, passeios no jardim ao lado de casa". Troque-se o cronómetro por qualidade de vida. "Como acontece nos países nórdicos", que estão no topo do Relatório Mundial de Felicidade da ONU.

A autarca Anne Hidalgo quer ver os parisienses felizes e adotou a "cidade dos 15 minutos" na campanha para um segundo mandato. Já conseguiu mais 150 kms de ciclovias e, num futuro próximo, promete acabar com 60 mil lugares de estacionamento, fechar algumas ruas ao trânsito e impor 20km/h noutras.

Uma possibilidade é sermos otimistas. Afinal, pode haver ar, luz e espaço.

Fonte: **Público**

